o sujeito não envelhece: psicanálise e velhice[1]

Ângela Mucida

o sujeito não envelhece e velhice

Por que a velhice, sendo algo tão velho, tão familiar, assombra-nos tanto e surge próxima daquilo que Freud nomeou de *Unheimliche*?

Lembremos, de início, que uma das formas do *Unheimliche* é o duplo, *uma duplicação da imagem como defesa da extinção*[2]. Como indica Freud, a idéia de duplo não desaparece após a passagem do narcisismo primário ao secundário, mas recebe um *novo significado nos estágios posteriores*[3]. Freud propõe também uma determinada cadeia com a fantasia, *um estádio em que o duplo tinha um aspecto mais amistoso*, transformando-se em horror após o recalque. O *Unheimliche* se associa ainda ao desamparo, à repetição, aos futuros não cumpridos, à queda da onipotência do pensamento, à angústia (diríamos com Lacan, quando a falta, falta), ao assustador e à morte.

Todos têm uma aproximação com o real da castração, um real diante do qual o sujeito está desamparado, apartado de significantes que o nomeiem. Como destaca Freud, um estranho efeito se apresenta quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, "como quando algo que considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade, ou quando um símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza [...]"[4]. Tudo isso não é estranho à velhice.

Não temos exatamente uma imagem de nós mesmos como velhos, já que esse processo é silencioso, lento, feito passo a passo, traço a traço. Temos, contudo, uma antecipação da mesma pelo Outro, um Outro no qual nem sempre nos reconhecemos. Percebemos mais facilmente a velhice no Outro, principalmente se ficamos muitos anos sem ver alguém,podemos dizer "como fulano envelheceu", esquecendo-nos de que, aos seus olhos, nós também estamos certamente envelhecidos. O duplo pode advir como esse estranho inquietante até mesmo numa fotografia; muitos idosos afirmam ter reconhecido em fotos a imagem de seus pais ou de seus avós.

[1] Esse trabalho foi apresentado no Encontro Nacional da Associação Fóruns do Campo Lacaniano, O sujeito em questão na psicanálise; 2003, novembro; Salvador e será parte de um livro a ser brevemente publicado: *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice.*

[2] Freud. O estranho (1919/1975, p. 301)

[3] *Ibid*, p. 294.

[4] *Ibid*, p. 304

Como assinala Massy[5], a palavra velho (*vieux*), em francês, guarda tanto a palavra *vie* (vida) como o pronome pessoal *eux* (eles). Velho é sempre o Outro, no qual não nos reconhecemos.

A psicanálise demonstrou até então pouco interesse por tal questão, seja por não distinguir uma clínica diferenciada na velhice, seja pela herança advinda de Freud[6] e, principalmente, de Ferenczi de que na velhice as defesas estariam por demais assentadas e não haveria tempo hábil para as retificações e mudanças subjetivas.

Vale ressaltara partir dos conceitos fundamentais da psicanálise, que na análise só existe um sujeito, o sujeito do inconsciente, e este não envelhece. Tratando-se da realidade psíquica, não existe diferença entre um fato passado e um atual. O sintoma sinaliza a atualidade do passado e o que importa na indicação de análise é a forma como o sujeito se situa diante da falta do Outro e sua relação com o desejo, que não é determinado pela idade e, muito menos, pela "quantidade de material psíquico", como pensava Ferenczi. O conceito de pulsão é avesso a qualquer noção desenvolvimentista; esta é sempre parcial e a sexualidade adulta é a sexualidade infantil. Parafraseando Freud em *Além do princípio do prazer*[7], cada um envelhece apenas de seu próprio modo.

Destacamos ainda que a velhice não se inscreve hoje da mesma forma que na época de Freud; o fato de vivermos mais tempo, decorrente dos avanços da ciência traz diversas conseqüências para a velhice.

Mas, o que é estar mais envelhecido para além da consistência da imagem que traça modificações visíveis e, tantas vezes, imperceptíveis a nós mesmos? Quando nos tornamos velhos? Se o sujeito não envelhece, pois ele não é uma substância e não tem atributos, isso indica que, para a psicanálise, não existe velhice?

A tese fundamental do estatuto do sujeito para a psicanálise que este não envelhece, orientando-nos na formalização do conceito de velhice bem como na clínica do idoso, não recobre, todavia, toda a questão.

É consenso entre os autores pesquisados que a velhice não se iguala a um amontoado de doenças, à idade cronológica, à aposentadoria, que o inconsciente não envelhece e o desejo não tem idade. Outros autores reafirmam a tese de que a velhice se refere à posição do sujeito com seu desejo. Nesse sentido, o que conta não é ser velho (idoso), mas o sentimento diante de tal fato, podendo existir velhos de vinte, trinta, no-

[5] Massy. *La personne âgée n'existe pas* (2002, p. 18)

[6] A esse respeito, ver Freud. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898/1976, p. 309).

[7] Freud. Além do princípio do prazer (1920/1976, p. 57)

venta anos... Não podemos, todavia, desconsiderar que as incidências do que se poderia conceber como "velhice" aos vinte, trinta ou aos noventa não são as mesmas. Há algo que não cessa de se escrever de maneira diferenciada em cada uma dessas idades. Há, por exemplo, uma distância entre alguns projetos que se *gostaria* de realizar e a possibilidade efetiva de realização, que não é a mesma para os de vinte e os de noventa. Mesmo que os jovens não os realizem, existe uma inscrição temporal bem diferente nos dois casos, e não é possível desconhecer o tempo que passa. A velhice se associa ainda ao limite do fantasma de eternidade (imortalidade do eu), impondo uma nova prova de realidade. Uma contraposição entre a temporalidade do eu *x* a atemporalidade do inconsciente. Em outros termos, a velhice atualiza a problemática da castração a partir do luto do que se foi e o que se é.

Apesar de todas as teses indicarem pontos importantes do conceito de velhice, elas se detêm ora sob a perspectiva do real, ora do imaginário ou do simbólico, faltando a todas uma formalização pela qual a velhice possa ser pensada em torno do enodamento entre real, simbólico e imaginário. Se a velhice atualiza de forma intensa a problemática da castração, ela impõe também um tratamento do real e do imaginário pelo simbólico, e isso não indica por si só uma perda do desejo ou o irreparável.

Propomos, a princípio, pensar a velhice valendo-nos do conceito de desamparo no sentido freudiano. Tal conceito foi desenvolvido por Freud em diferentes momentos de sua obra, sendo relacionado ora a uma situação traumática – excesso de excitação que não encontra palavras –, ora à imaturidade do ego e à insuficiência do sujeito para conduzir sua sobrevivência. Cada um desses traços, além de não desaparecer, nunca é totalmente ultrapassado. O infantil, constituinte do aparelho psíquico, inscreve o desamparo sob diferentes formas, em conformidade com o *perigo* em questão em cada momento da vida do sujeito. Dessa forma, é fácil entender que também na velhice o infantil continuará a impor seus efeitos sob a pena do desamparo, apresentando-se como o perigo da perda do amor, da insuficiência para conduzir a sobrevivência, da angústia relativa ao desejo do Outro e ao próprio desejo, podendo ser, inclusive, o momento em que o sujeito vive seu desamparo de maneira mais aguçada.

Pois bem, se o sujeito do inconsciente não envelhece, isso não implica que não exista a velhice. Há um encontro entre a atemporalidade do inconsciente, que não deixa espaço à

velhice, com algo do temporal e do inevitável. Pretendemos problematizar um pouco mais a tese de que o inconsciente não envelhece, entrelaçando-a com a perspectiva do tempo que passa e traz modificações inevitáveis.

Nessa direção, outra concepção de velhice se delineia; ela seria a exposição no real de uma imagem que se modifica visivelmente sem nenhuma promessa de aquisição, de diferentes perdas que se dirigem também a um enfraquecimento dos laços sociais, demandando um outro enodamento entre real, simbólico e imaginário, e necessariamente um trabalho intenso de luto. Outrossim, não há uma *velhice natural*, mesmo que exista um corpo que envelhece e uma pessoa que se torna mais idosa. Esse "destino pessoal" traçado na velhice é completamente singular e cada um inscreverá a forma de gozar que lhe é própria.

velhice, tempo e temporalidade

Freud aborda a concepção de tempo de maneira bem original. De início, pela concepção de *a posteriori*, ou seja, um tempo que se atualiza no presente, podendo dar a idéia de eternidade. Tal concepção é de fundamental importância para o conceito de velhice, já que deixa em aberto a possibilidade de que os traços marcados, e que não se perdem jamais, sejam reinscritos. Ela indica a existência de marcas que foram inscritas para o sujeito antes de qualquer sentido, como também possibilidades de uma nova reordenação. Confirma nossa hipótese de que cada um envelhece apenas de seu próprio modo, já que o escrito será reescrito, atualizado com base em traços particulares. Dito de outra forma, há uma história que se escreve no diacrônico do tempo, e há algo que faz aí corte, permitindo reinscrevê-la. Podemos afirmar, a partir de Lacan, que antes de ter acesso às palavras o sujeito recebe uma série de significantes que, a princípio, não formam uma cadeia significante e que somente no *a posteriori* poderão ser articulados.

Há, em Freud, três concepções de tempo: um tempo que se faz pelo atemporal, no qual se situa a tese da atemporalidade do inconsciente; um tempo que se faz no *a posteriori* e um tempo do sistema consciência. Vejamos mais detalhadamente tais concepções.

Em *O inconsciente*, texto de 1915, Freud afirma que "os processos inconscientes são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do siste-

ma consciência"[8]. A primeira tese é clara. O inconsciente não se ordena em conformidade com o tempo cronológico no sentido de uma história linear ou desenvolvimentista. Outra tese refere-se à não alteração dos traços; uma vez inscritos, não se perdem jamais. Nesse sentido, o sujeito na condição de efeito do significante não envelhece jamais.

[8] Freud. O inconsciente (1915/1976, p. 214)

Ao mesmo tempo, confor me descrito por Freud na *Carta 52* a Fliess[9], esse material presente em forma de traços sofre, de tempos em tempos, rearranjos, "segundo novas circunstâncias" e novas reinscrições.

[9] Freud. Carta 52 (1896/1976, p. 317).

Conclui-se, com essas pontuações, que há para Freud, como também para Lacan, duas formas não excludentes de o inconsciente se apresentar. Juntamente ao que não se modifica, o atemporal do inconsciente, há o que se modifica. O inconsciente se mostra pela cadeia significante, pelas formações do inconsciente, pela vertente metafórica do sintoma que têm efeitos de interpretação. O inconsciente é também o imodificável e o que não se traduz. Apesar disso, impõe seus efeitos, sofre outras inscrições e novas combinações.

Pode-se situar, com Freud e Lacan, duas concepções de sujeito que se cruzam e não se anulam. Há um sujeito se constituindo sob o efeito da ação do significante, tendo com este uma relação de impossibilidade, formalizada por Lacan pelo discurso do mestre ou discurso do inconsciente[10]. Há uma barra do recalque entre o sujeito e os significantes que o representam:

[10] Lacan. *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970), (1992, cap. I, II e VI)

Discurso do mestre

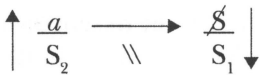


O sujeito "em si" não existe, ele só existe enquanto representado e como representação. O sujeito do inconsciente, tal como inscrito no discurso do mestre, é um sujeito que está sob a barra do recalque, quer dizer, sofreu a intervenção dos significantes mestres. Sujeito dividido pelo menos entre dois significantes, tendo como verdade sua própria divisão e surgindo pelas formações do inconsciente, faz atos falhos, chistes, sintomas etc.

Há também o sujeito que, estando sobre a barra, tal como demonstrado no discurso do analista,[11] inserido no lugar do trabalho, pode construir aquilo que o determina, bem como um saber completamente particular sobre si mesmo.

[11] *Ibid.*

Discurso do analista



Como assinalado, esse sujeito não apaga ou anula o primeiro. Neste caso, todavia, é um sujeito responsável por sua divisão, trazendo conseqüências para o tratamento do real e para as respostas às perdas fálicas advindas com a velhice.

Concluindo, há um tempo marcado pelo atemporal, esse não cessar de não se escrever, o real, tempo do inconsciente, tempo do sujeito que não envelhece. Há também um tempo que não cessa de se escrever e que passa. Por fim, há um tempo que funciona como *a posteriori* e permite novas inscrições, tempo marcado pela contingência definida por Lacan como o cessar de não se escrever. É o *a posteriori* que faz unir os outros dois tempos, o atemporal e o temporal. É ele que fará junção do que não envelhece com o que envelhece e passa no decurso do tempo.

Para Lacan, o tempo lógico é aquele que faz corte nos dois tempos, tempo que passa e tempo que retroage, *a posteriori*[12]. O tempo lógico permite reinscrevê-los no instante de sua aparição, o que nos remete novamente ao conceito de atualização assinalado anteriormente.

Com Freud, temos que o passado é reatualizado; não existe um passado imóvel ou morto, mesmo que alguns idosos insistam em dizer "no meu tempo". Na velhice, muitos traços "adormecidos" podem advir, impondo ao sujeito diferentes respostas, inclusive a formação de novas formas sintomáticas para tratar o real.

Para Lacan, de forma bem sucinta, a questão da atualização, em conformidade à estrutura do ato implicado no fazer psicanalítico como indicado no seminário *O ato psicanalítico* (1967-1968)[13], inclui o sujeito, bem como o objeto causa do desejo. Pelo ato o sujeito surge representado, constatando-se que há um saber encarnado, mas que deixa um resíduo. O ato está articulado ao significante e, ao mesmo tempo, remete a um inominável do significante, exibindo um limite à significação. Exibindo a falha, todo ato é falho e, ao expor a verdade do sujeito, tem seus efeitos de sentido.

Em razão de tal estrutura a *velhice* é um significante que representa o sujeito para outro significante. Os significantes advindos só tomarão um sentido a partir do *ato* que promove a passagem desse saber geral para um saber não-todo. Nessa direção, propomos outra hipótese: a relação do sujeito à velhice

[12] Sobre a questão do tempo em Lacan, remetemos o leitor aos textos: O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada, Posição do inconsciente, Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise e Radiofonia. Ver também os Seminários: *Les non-dupes errent*, *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, *A identificação* e *As formações do inconsciente* (1957-1958)

[13] Lacan. *O seminário - livro 15: O ato psicanalítico*. (1967-1968, Lição de 29/11/67). Inédito

se mede pelos atos. São estes que permitem ao sujeito atualizar o que passa no decurso do tempo.

Na velhice, em analogia com o funcionamento do nó borromeano[14], quando uma dessas dimensões – passado, presente ou futuro – se rompe, provoca o desnodoamento das demais; o passado não é atualizado no presente e o futuro se torna obscuro, sem perspectivas. A velhice seria o momento em que, ao prevalecer um determinado enfraquecimento do tempo presente – variável para cada sujeito – devido ao afrouxamento dos laços afetivos e sociais e a inúmeras perdas, seria imposta ao sujeito a criação de novas formas de atualizar seu passado, enlaçando-o ao futuro. Ela demanda um novo enodar do tempo, importando, sobretudo, que nessa atualização haja um *sujeito responsável* analiticamente por sua própria história.

[14] Sobre o nó borromeano, ver Lacan. *O seminário - livro 22. R. S. I.* (1974-1975)

o significante "velhice" no tempo de uma análise

Para encerrar, retomarei sucintamente um caso clínico que ilustra algumas reflexões levantadas.

Clara estava em análise há mais de sete anos – era sua segunda análise, a primeira durara três anos – quando, próximo de completar sessenta anos – a *entrada na terceira idade*[15] –, apresentou uma crise de angústia muito forte, respondendo, a princípio, com inibição, recusando-se a vir às sessões e evitando a fala. Após seu aniversário, retornou completamente angustiada e, ao tentar nomear esse real diante do qual não encontrava palavras, disse: "Sessenta!" Ao marcar o significante, assenta-se no divã: "Que espanto, só... a-ssentando mesmo!" A princípio, seu espanto, real que lhe angustia colocando-a *assentada,* referia-se ao encontro daquilo que pressupunha apenas no Outro, *a entrada na terceira idade e na velhice.* Esta lhe advinha sem *aviso prévio,* à diferença de sua aposentadoria, adquirida bem mais cedo. "Como lidar com isso? O que é isso em que estou entrando? Isso é insuportável", dizia-me.

[15] O que está em itálico se refere aos significantes utilizados pela analisante.

Sua angústia presentificava não apenas o encontro com o gozo do Outro mas também sua forma de gozar e as incidências dessa *nova etapa* sobre seu desejo. O horror de que a partir daí seria entregue, como objeto, ao gozo do Outro lhe trouxe a angústia e, como resposta, a inibição.

Esse insuportável, esse acontecimento, impossível de ser nomeado, foi aos poucos encontrando em sua cadeia significante um certo tratamento que lhe permitiria, a partir de então, a travessia fantasmática.

Os significantes *sessenta* e *entrada na terceira idade* (do discurso social) não foram indiferentes a esse sujeito e fizeram

cadeia com o real de tantas perdas que tinham se agudizado para ela nos dois anos anteriores (três irmãos mais velhos, duas amigas e outros parentes próximos, todos com mais de sessenta anos), acenando-lhe que os efeitos insistentes do real também lhe tocavam. O real que lhe acenava e trazia angústia e horror não era, todavia, relativo apenas ao real da morte. Ela passava pelas mortes, fazendo os lutos, suportando a falta de inscrição que toda morte traz, e construindo com cada perda aquilo que lhe concernia.

O significante *sessenta* fez, inicialmente, eco à dependência do Outro. Ela que sempre *cuidou* de todos na família e os sustentou poderia, de repente, estar nesse lugar de ser amparada pelos outros, lugar do desamparo. Isso a remetia a alguns de seus significantes mestres: *forte*, *decidida*, *arrimo de família* e *putas*, significante advindo do discurso paterno, o qual interditava o prazer; só as putas podiam buscar o prazer.

Alguns sonhos têm importância particular na direção do tratamento e no fim de sua análise. No primeiro, uma sombra lhe apontava: *Veja, Clara!* Ao olhar, vê um ovo e um pintinho saindo. Associa o sonho com o que lhe metia medo, e não era, entretanto, apenas a velhice, mas o que nomeava uma *nova etapa* em sua vida. Que novo é esse que causa medo, horror, senão aquele familiar que retorna sob a face do *Unheimliche*?

As ondas, *um misto de dor e êxtase, um prazer inesperado, estado de plenitude... e medo*, que atravessavam sua análise havia três anos, tornam-se mais freqüentes. Indaga-se se elas não seriam, quem sabe, efeitos de sua menopausa. Todavia, *enquanto ondas de êxtase, liberdade e, por vezes, de agonia,* escapavam ao saber médico. Conclui que isso nada tem a ver com a menopausa, que se trata de outra coisa.

A sensação de desgarramento, prazer imenso, indescritível, que *as ondas* lhe traziam, mistura-se ao prazer proibido do discurso paterno; isso *que do pai ela tomou como sendo dela: tudo que não pode ou não podia?*, indaga-se. Enquanto isso sua *casa em reformas* prepara o que nomeou de *sala dos prazeres.*

Alguns meses antes do *encontro com o sessenta*, esse sujeito tem um trabalho fecundo de análise e decide reformar seu apartamento, construindo sua *sala dos prazeres*, lugar aberto à música, à dança e à leitura, alguns dos prazeres antes interditados pelo discurso paterno. E se indagava: *como isso* (velhice) *pode chegar agora quando minha sala dos prazeres está para ser terminada*?

Um incidente, na mesma época, faz com que encontre um outro Real: uma *ponte fixa* dentária, *fixada* há mais de vinte

anos, quebra-se. Sente-se decepcionada, triste... *Eu imaginava que isso seria para toda vida... feita de ouro para suportar o tempo, quebra-se exatamente quando entro nos sessenta anos, como um tapa na minha cara escancarando-me a velhice.* Conta ter dividido esse insuportável com a faxineira, que lhe pergunta: "Mas D. Clara, a senhora não tem ainda dentadura?" Tem um ataque de riso ao se deparar com a pergunta que lhe expunha a possibilidade de um real ainda mais duro. "*Mas que é uma ironia, ah, isso é!, quebrar essa ponte logo agora que sinto a travessia de um lugar para o outro, para outra etapa...*"

Entre o êxtase e a agonia, isso que poderia barrar seu prazer, Clara encontra novamente a figura do Pai. Juntamente ao pai tirânico, que impunha a Lei de forma implacável não deixando espaço a nenhuma dialética, ela tem alguns sonhos nos quais uma outra figura de pai é construída. Um homem envelhecido (talvez como o seja todo pai) permite dar ao primeiro um outro tratamento. Vejamos dois desses sonhos. No primeiro, um homem morto havia muitos anos surge e a convoca para que o acompanhe, e ela lhe responde: "Não, eu não vou com você"! No outro, a figura da morte, outra morte, ecoa pela voz de outro homem, também bem mais velho que ela: "Você deve arrumar as malas". Ela novamente responde: "Não, eu não vou".

Segundo ela, tais sonhos não remetiam à premonição ou ao medo de sua morte, mas à relação com seu pai. Suas associações trazem representações paternas que, ao contrário de alguém que só proibia, fazem surgir um pai a lhe indicar o possível olhar de outros homens sobre ela: "*como essa menina é bonita*!" Ser bonita aos olhos do pai era poder ser bonita aos olhos de outros homens. Para ela, esses sonhos têm a função de "tratar" a raiva e o pânico vividos diante da proibição paterna. Conclui, então, já estar pronta para aceitar um homem em sua vida.

Abrir-se à possibilidade de uma relação amorosa foi o primeiro efeito dessas construções. Conclui que o *mau-caratismo* dos homens, traço presente em seu pai (distorcer a realidade em prol de si mesmo), não era, finalmente, algo presente em todos os homens e, menos ainda, uma característica apenas masculina.

Filha predileta do pai, *diferente de todas as outras filhas e filhos*; *corajosa, forte, confiável, como ele próprio,* ela assume, após sua morte, *seu lugar na família.* Tal demanda, sinalizada pela voz do pai no leito de morte, entrelaça-se aos pontos de identificação com o mesmo. Outro sonho rico em metáforas lhe per-

mite extrair tais pontos, bem como o alto preço que pagou ao tentar atender àquilo que supunha ser a demanda paterna, anulando sua *sensibilidade e feminilidade... "Foi como um homem que transitei na vida."*

Esses sonhos sinalizam a diferenciação entre pai real, imaginário e simbólico e, sobretudo, sua posição de gozo diante da lei tirânica do pai. Ela o afirma como alguém que tivesse lido "Totem e tabu": "*É meu pai morto que retorna nesses sonhos, o pai de hoje, verdadeiramente morto para mim. Eu não preciso mais me opor a ele; ele foi apenas um pai.*" Ou, podemos dizer, foi apenas o Um pai da histérica.[16]

A partir daí, *outras* associações fundamentais tecem sua construção fantasmática. Ela, como a mãe, era *uma puta velha; uma puta que acolheu o pai em suas tiranias... "Eu, que sempre fui tão independente e orgulhosa, me descubro subserviente, sempre a serviço do outro."* Atender sem demora à demanda do Outro ou antecipar-se à mesma era para ela uma forma de domínio; "*Como o pai eu sempre dominei todos. Quando atendia ao outro era a mim mesma que atendia pois não suportava a falta de amor. O amor pela dominação me protegia da puta que meu pai me apontava, mas fui uma puta; vendi meus favores em troca do amor.*"

Clara foi pouco a pouco construindo e desconstruindo seus pontos de identificação, e isso lhe permitiu se posicionar diante do Outro como aquela que *podia também receber*. Nomeou os favores do Outro como *pequenas delícias da vida*. Mais alguns meses de trabalho determinaram o término de sua análise.

O encontro com seus sessenta anos e a idéia de *morte* – outra morte – a levaram diretamente, e sem tréguas, a outro ponto de fixação de sua infância – o desconhecido do quarto escuro –, quando, à noite, acordava *sobre-assaltada* com a *gritaria*, a *cachorrada* dos pais. O insuportável de uma cena, da qual não sabia jamais o desfecho, exibia-se pelas intermináveis brigas do casal parental. Um real diante do qual estava sempre apartada de significantes; "*não podia gritar, não podia acender a luz, não podia sair do quarto* [...] *não sabia o que poderia ocorrer, medo do desastre... Sempre à espera de que algo pudesse vir-a-ser, mas que nunca veio.*"

Outros sonhos lhe remetem à identificação com a mãe, permitindo-lhe concluir que alguns desses pontos eram falsos, ela não precisava mais deles; *achava que sem esses traços não sobreviveria* [...].

Associando seu processo de análise a uma certa construção e, depois, desconstrução, passa à imagem de que a sua análise era como um círculo, "*em cada parte uma etapa de minha vida, em cada momento há pedaços, há arestas... são os excessos que*

[16] O conceito de Um-pai, Um pai per-verso, foi abordado por Lacan a partir da noção freudiana do pai perverso, pai traumático, delimitado na histeria nos primórdios da psicanálise. Ao buscar um pai que não falhe, a histérica encontra o pai traumático, aquele que instaura, seja pelo excesso de gozo ou pela falta, um enigma sobre o sexo, fazendo um furo no saber. No sujeito em questão temos que esse Pai era além do mais severo, instaurando uma exigência pulsional, da qual ela escrevia sua forma de gozo – essencialmente fálico –, pois ela o tinha como representante legítimo do Um Pai.

fui retirando. Tive de retirá-las para chegar ao centro, mas o que é o centro? O centro é o original, sou eu mesma, e ele é vazado mas sustenta toda a linha do círculo [...] *Era isso que me metia pânico; saber de minha liberdade.*"

"Surpresa?", pergunto-lhe. "*Não, é como se já soubesse dessa possibilidade. Vocês analistas devem ficar endoidados com isso: tentar desvendar o ser e se deparar com o infinito, porque a possibilidade do ser é o infinito, mas é um infinito vazado...*"

Uma rica série de elaborações, permeada por muitas imagens, leva Clara ao *resumo* de seu percurso de análise:

> Quando comecei a primeira análise era como se estivesse num quarto escuro; não via nada de minha vida, apenas recebia coisas, me irritava e respondia com ódio aos comandos. A primeira análise me permitiu organizar esse quarto, tirar as crostas que me impediam de falar, aprendi a falar. A segunda análise foi abrindo uma janela, depois outra, depois outra e não sei como isso ocorreu, de repente fico livre das crostas e consigo enxergar as mesmas coisas de antes, mas de outra forma. Consigo ver o que me paralisava... minhas respostas aos outros, minhas crises de raiva, minha ira sem fim... posso rir de situações que me davam ódio. Percebo que a ira de meu pai, de minha mãe, a "cachorrada" [ri], não é mais a minha. Percebi a sutileza... Posso finalmente até me irritar, mas isso surge de outra forma, consigo me colocar diante disso [...] Foi uma construção-reconstrução de Hércules, tantas pedras no caminho...

Clara vai tecendo um outro texto sobre um texto já escrito. Constrói que o medo da morte era bem outro, medo de não poder, finalmente, sair da determinação com a qual ela viveu grande parte de sua vida. Medo do que restaria dela ao deixar cair várias defesas (sua forma de gozar) para sustentar sua *sala de prazeres*. Um luto do gozo perdido também se presentifica, isso que finalmente reconhece como suas *ondas de agonia*.

Antes da última sessão que tivemos, havia visitado uma exposição das gravuras de Picasso e uma lhe chamara a atenção: o minotauro acariciando uma mulher que dorme. Traz um discurso muito belo em torno da gravura, no qual os significantes *fúria* e *amor* (ela mesma) dialetizam com os significantes paz e amor. Associa a gravura à dor do Outro e sua

relação com a mesma; aprendeu a acolhê-la, olhá-la, velá-la, sem sentir remorso, e, deixando cair a culpa, descobre que há sempre um *temporal* e um *atemporal*. O temporal do *ter de. Arrumar a casa, acompanhar a irmã em suas demandas,* essa infindável cadeia da demanda do Outro. E o atemporal, que, nesse momento, *era* para ela a exposição de Picasso. Optou por ver Picasso em vez de acompanhar a irmã preferida, que tem o nome da analista.

"*Deixo-a porque sei que é preciso também deixá-la; ela sabe se cuidar...*" Na seqüência, conclui: "*Não há ponte fixa na vida, mesmo sendo de ouro, forte. Os sessenta anos podem ser uma maravilha, o que conta é a nova posição, é saber duvidar de cada momento, interrogar... não há como prever, controlar* [...] *Vi a ponte, a outra, a que me levava também ao dentista (passarela para pedestres), tinha medo de passar; em cima um céu azul, lindo, embaixo muitos carros se movimentando. Entre um e outro me decidi e atravessei. Vejo que aqui também terminei.*"

A *entrada na terceira idade* chegou para esse sujeito em um momento fecundo de sua análise, no qual ela já punha em ato *sua sala de prazeres*. As mortes, os lutos sucessivos, a queda da ponte fixa, tudo isso pode ser suportado por *uma escrita* que se fazia havia alguns anos. Esse momento permitiu, ao escancarar um real sob diferentes faces, uma saída pela contingência que já se desenhava anteriormente. Mas nem sempre essa é a resposta ao real.

De toda forma, uma distância se introduz entre o sujeito sujeitado aos significantes familiares e o sujeito responsável por sua determinação, que pode rir e fazer da raiva outra coisa, reeditando possíveis e contingentes formas de gozar. Clara constrói um saber sobre sua raiva, faz do *fixo* (ponte fixa... sua forma de gozo) algo móvel e atravessa sua ponte.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In*: Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do Prazer (1920). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago,1976. Vol. XVIII, 1ª ed.

FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol.XVII.

FREUD, Sigmund. Carta 52 (1896) In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1977. Vol.I.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In*: Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago,1974. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund. Carta 61 (1897). In*: Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1977. Vol. I.

FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia da neurose(1898). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário - livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 15: O ato analítico* (1967-1968). Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 21: Les non-dupes errent* (1973-1974). Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 22: R. S. I.* (1974-1975). Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 10: A angústia* (1962-1963). Inédito.

LACAN, Jacques. Radiophonie (1970). In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 9: L'identification* (1961-1962). Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre.* Inédito.

LACAN, Jacques. Le vieillissement. *Champ Psychossomatique.* Paris, nº 24, 2001.

MASSY, Jack. *La personne âgée n'existe pas.* Paris: Payot/Rivages, 2002.

resumo

A partir das questões " que é a velhice?", "quando envelhecemos?", "por que ela nos inquieta tanto?", este trabalho extrai algumas concepções de velhice para a psicanálise e suas incidências na clínica, exemplificada pela exposição de um caso clínico.

abstract

From the questions "what is aging?", "when do we actually age?", "why does aging bring a sense of unsettlement to our lives?", this work reflects upon psychoanalysis, concepts on aging and their clinical occurrence exemplified by a clinical case.

palavras-chave

Inconsciente, *Unheimliche*, velhice, real, tempo, sujeito.

key words

Unconscious, *Unheimliche*, oldness, real, time, subject.